

# VISÕES ACERCA DO BRASIL A PARTIR DE UM MANUSCRITO DE SEBASTIÃO BERETARIO (SÉCULO XVII)

CAROLINA LOPEZ ISRAEL<sup>\*</sup>

## RESUMO

Este artigo trata da análise de um manuscrito do padre jesuíta Sebastião Beretario que descreve a vida de José de Anchieta. Nosso objetivo não é discutir sobre a figura desse jesuíta, mas sim apreender no texto de Beretario uma série de informações acerca da apreciação que os europeus faziam sobre as Américas e seus habitantes nativos. Nessa descrição podemos apreender os indícios de modernidade que já começava a surgir na Europa do século XVI, além de retratar de certa forma algumas questões ocorridas durante a União Ibérica.

**PALAVRAS-CHAVE:** José de Anchieta, jesuítas, União Ibérica

## ABSTRACT

This article is a review on a text by the Jesuit priest Sebastian Beretario on the biography of José de Anchieta. But the objective of this article is not to tell about Anchieta, rather to understand in Beretario's text a great amount of information on the impression of America and the native American inhabitants by the European. This description also show the signs of Modernity in its beginning in Europa at the 16th century and besides display certain issues that happened during the Iberic Union period.

**PALABRAS-CLAVE:** José de Anchieta, jesuits, Iberic Union

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como base primária um manuscrito de autoria do padre Sebastián Beretario, da Companhia de Jesus, em 1622. Nele constam informações interessantes que exemplificam a visão europeia acerca do mundo, no caso, do Novo Mundo. Podemos obter informações acerca da visão do índio e o conceito de humanidade construído na modernidade, a utilidade prática dada à natureza, representando

---

<sup>\*</sup> Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus de Feliz; doutora em História pela Universidade de Alcalá – Espanha. [lopecaro@hotmail.com](mailto:lopecaro@hotmail.com)

igualmente o racionalismo e utilitarismo nascente, entre outras questões.

Outro elemento de breve análise é o período da União Ibérica – 1580-1640. Em um primeiro momento abordaremos esse período, pois nosso autor está nele inserido, a fim de apresentarmos o contexto histórico. Em seguida, trataremos dos elementos que podemos apreender desse manuscrito muito rico em informações e do qual pudemos analisar apenas pequena parte.

## O BRASIL FILIPINO

Colho este subtítulo do livro de Ricardo Evaristo dos Santos, que nos faz uma clara descrição do Brasil e sua posição no contexto colonial durante a União Ibérica.

Sabemos que a União Ibérica se deu a partir da morte do rei Dom Sebastião em 1578, feito que Beretario comenta em seu livro a respeito de Anchieta, pois este teria previsto a perda do rei Sebastião. Durante uma visita de Anchieta aos marofios<sup>1</sup>, estes o viram triste,

mas não o viram com o sossego e paz da alma como o soía ter, antes como triste e oprimido por coisas graves, tinha o rosto lívido... Antonio o alcalde que o havia hospedado e solicitou pelo amor e reverência que tinha para com Joseph lhe perguntou a causa de tão grande e repentina tristeza. Joseph lhe respondeu “que no mundo se preparavam grandes calamidades” e depois soube no mesmo dia que na África foram perdidos todos os séculos memoráveis e rotos os exércitos, e o rei Dom Sebastião havia sido morto<sup>2</sup>.

A Espanha nesse período constituía um grande império, abrangendo não somente a América como também a Europa. Então vigorava a chamada *Pax Hispana* na Itália, somando-se a ela a incorporação de Portugal aos seus domínios em 1581; os objetivos que deveriam prevalecer seriam os de assegurar o domínio da religião católica em uma Europa que via o protestantismo nascente, e frear os turcos no Mediterrâneo<sup>3</sup>.

O governo espanhol tinha grande centralização de poder, criando vários conselhos para reger seu império e seu reino. Dentre os conselhos, o que mais se destacava era o Conselho de Estado, que auxiliava o rei em suas atribuições, mas era o monarca quem efetivamente exercia o poder. Outros conselhos eram responsáveis por

---

<sup>1</sup> Nome de um pássaro. Segundo os relatos, Anchieta comunicava-se com as aves.

<sup>2</sup> BERETARIO, 1622: 280.

<sup>3</sup> SANTOS, 1993: 73.

cada jurisdição territorial do império, tais como o de Aragão, Castela, Itália, Flandes e Portugal. Havia igualmente os Conselhos de Ordens, Fazenda, Guerra e Inquisição.

Os conselhos não eram apenas órgãos de assessoramento, pois tinham características de órgãos superiores de administração, e os seus membros eram altos funcionários e ministros. O Conselho de Índias, inaugurado em 1604, era o responsável de controlar a partir de Lisboa a administração e vida econômica do Brasil.

Um dos objetivos primordiais era integrar o território brasileiro e impedir que estrangeiros viessem se instalar em suas terras. Isso foi realizado a partir da Recopilación de Leyes de los Reinos de Indias (Ordenaciones Filipinas, n. 40).

No juramento de Tomar, Felipe II assegurava a autonomia de Portugal na área jurídica e em sua constituição, e garantia que não perderia a direção política sobre seu império. Tanto era assim que em alguns pontos desse tratado ficava estipulado que as colônias de Portugal deveriam ser governadas por portugueses e que seriam respeitados os foros, privilégios e costumes portugueses. Também seriam portuguesas as guarnições militares, os cargos de justiça e fazenda. E ainda se estabelecia que todo o comércio com suas colônias deveria ser feito por navios portugueses<sup>4</sup>.

Sabemos bem que essa preocupação em definir claramente os limites entre as colônias espanhola e portuguesa, ainda que suas coroas estivessem sob um mesmo rei, se devia à preocupação espanhola de que Portugal não tivesse acesso à prata de Potosí.

No manuscrito analisado vemos o interesse de demonstrar a independência do Brasil em relação à Espanha, mas igualmente a preocupação de definir bem as fronteiras com as colônias espanholas a fim de resguardar os metais preciosos do Peru:

Há uma discussão sobre onde começa o Brasil, mas fica claro de forma indiscutível que este pertence a Portugal, mas é certo que a terra que chamamos de Brasil que acharam e governam até agora os portugueses. [...] regam toda a terra muitos lindos rios e ao desaguar no mar formam seios, capazes de ter grandes navios seguros para se albergar neles acomodados para que possam subir os navios rio acima rumo ao Ocidente, cercam e fecham o Brasil altíssimos montes, que dilatados perpétuos cumes o dividem do Peru... enfim, se olharmos para as riquezas que a natureza deu ao Brasil dificilmente em todas as províncias do Novo Mundo e ainda do nosso velho acharemos terra mais afortunada.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> STELLA, 2000: 54.

<sup>5</sup> BERETARIO, 1622: 25-28.

É instituído um governo para o Brasil e se estabelecem regimentos de governo que continuariam com a propagação do catolicismo e a catequese dos indígenas. Também deveriam ser cuidadas as casas de misericórdia, hospitais, os preços das mercadorias e o uso da terra.

Ficava estipulado em 1588 que os índios não deveriam ser escravizados; se trabalhassem em fazendas, deveriam fazê-lo como pessoas inteiramente livres (11 de novembro de 1595).

Em 1611 se anuncia a defesa de florestas e da importância do pau-brasil.

A exploração das riquezas minerais pela Coroa ficou estipulada no Regimento de Valladolid, em 1603, e depois no de Lisboa, em 1618.

Na formação do Brasil, não podemos deixar de citar os jesuítas como importantes propagadores do povoamento, devido à fundação de povoados, como São Vicente, em 1532. Dentre as figuras que mais se destacaram está, sem dúvida, a de Anchieta, fundador de Campos de Piratininga, hoje São Paulo, juntamente com Manuel da Nóbrega. Nascido nas Canárias em 1533 e enviado ao Brasil aos vinte anos, a serviço da Companhia de Jesus, Anchieta destacou-se não somente pelo seu trabalho religioso, mas também por haver contribuído com os portugueses na expulsão dos franceses e evitado conflitos entre índios e portugueses. Homem culto, escreveu poemas, cartas e sermões, e aprendeu a língua brasílica. O manuscrito que ora comentamos aborda todos esses fatores e mostra a compreensão que se tinha dos nativos e da sua inserção dentro do contexto cosmogônico europeu.

## UNIVERSO TEÓRICO

De acordo com Anthony Pagden, enquanto o governo da Inglaterra e França deveriam justificar suas ações coloniais frente aos interesses particulares ou de partidos, a Coroa Espanhola não teria que justificar suas ações frente a esses dois setores. Ela se havia autoproclamado “defensora da cristandade universal”, e o rei deveria se reger por princípios ético-político-religiosos proferidos por juristas e teólogos.

Alguns criticavam qualquer atitude de guerra e expansionismo da Coroa que não fosse para o bem dos súditos; nesta linha estavam pensadores como Alfonso de Valdés e Juan Ginés de Sepúlveda<sup>6</sup>. Também surgiriam críticas de alguns religiosos à forma da colonização espanhola. Bartolomé de las Casas seria um dos principais

---

<sup>6</sup> PAGDEN, 1990: 19-20.

propagadores da luta contra a exploração do colonizador sobre o indígena; mas o que se questionava não era a dominação em si sobre o nativo, mas sim a legitimidade de se tirar usufruto de seu trabalho.

É interessante notar no manuscrito de Beretario a ideia de sociedade civil ao descrever os indígenas, colocando os conceitos políticos europeus para definir as sociedades dos índios e legitimar o domínio sobre elas. Diz ele:

Mas embora o Brasil fosse ditoso no clima do céu e na fertilidade da terra, não carece de incomodidades que sejam um contrapeso à sua ventura. Primeiramente todos seus moradores sem o caráter da natureza humana, assim homens como mulheres como bestas trazem nus seus corpos. São de inteligência muito tardia e tão alheios às leis que seus banquetes e delícias maiores o fazem com carne humana, tão poderoso é costume ruim ou bom quanto é poderosa a natureza desde que começaram abraçar a religião cristã eles se domesticam, mas com grande trabalho e se lhes ensina a serem homens.

[...] eles têm fé e amizade para com os espanhóis e se deixam governar quando se lhes mostra razão e justiça. E recebem com facilidade e se mostram aficionados pela religião cristã, ainda que nela não sejam muito constantes. Fazem suas malocas, não se saturam e nem se mudam com facilidade os lugares de sua moradia. Uns povos com os outros intercambiam mercadorias, se bem que pouca quantidade, vivem em paz e guardam entre si as leis de amizade.

Os índios não são uniformes em seus costumes; alguns destes povos são dóceis, mas seus inimigos são insofríveis executam suas façanhas com tanta força e crueldade que parecem aborrecer a natureza humana... como feras, não têm outra lei que a da vingança.

Seu Nome é Tapuias e não fazem guerra somente aos portugueses quando estes entram em suas terras, mas também aos nossos índios confederados inquietam as suas armas. [...] os índios de melhor natureza e mais inclinados à vida política e civil são os Carijé [...] se vestem com algodão tecido à moda das túnicas mouriscas. Edificam casa e vivem defendidos das injúrias do tempo, lavram os campos, semeiam os legumes... não são inferiores nem em beleza e gentileza aos da Europa.

Estes são os costumes dos moradores do Brasil e a mesma terra não carece de vícios, não tanto por culpa da terra, mas por defeitos dos seus habitantes.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> BERETARIO, 1622: 28-32.

A parte que mais nos interessa nesse trecho para o tema que estamos tratando é quando o autor afirma que os índios Carijé são os mais inclinados à vida política e civil, pois expressa ideias como a de Palacios Rubio<sup>8</sup> que afirmava que os índios não formavam uma sociedade civil, lembrando que, de acordo com o direito romano, a Sociedade Civil se baseava no regime de propriedade, que seria a base para as trocas entre os verdadeiros cidadãos; assim, uma sociedade que não tinha tais relações não poderia pretender ter propriedade frente ao colonizador<sup>9</sup>.

Lembremos que todas as potências coloniais seguiam o legado de universalismo transmitido desde a Antiguidade e a Idade Média sobre o suposto direito de se dominar o mundo<sup>10</sup>.

Outro argumento era o de que os índios não teriam direito natural pois eram como crianças (isso fica claro quando Beretario afirma que os índios eram “tardios de inteligência”). O padre Victoria afirmava que os índios possuíam apenas os requisitos ínfimos para a vida social, pois não possuíam conhecimento das artes liberais, nem tinham verdadeira agricultura e nem eram verdadeiros artesãos, não constituindo uma *nobilitas* de acordo com o argumento aristotélico. Ainda sob a ótica da interpretação de Aristóteles, Victoria denominava os índios de “crianças por natureza”, adaptando a concepção do “escravo por natureza” de Aristóteles. Os escravos naturais seriam aquelas pessoas que não teriam aptidões de intelecto plenamente desenvolvidas. A condição de criança por natureza seria superada mediante a educação que o colonizador lhe propiciaria.

Quiroga<sup>11</sup> era outro pensador que justificava o domínio sobre o índio, alegando que o índio não poderia ter *dominium jurisdictionis*, pois tal corresponde apenas aos que conhecem e observam a lei natural, que não adoram muitos deuses e que têm um rei e uma vida política organizada. Os indígenas viveriam em um estágio muito parecido ao estado de natureza em tirania deles mesmos, como pessoas bárbaras e cruéis, em ignorância daquilo que se chama de boa vida e de política. Acrescenta ainda que as sociedades indígenas não tinham uma verdadeira organização política, pois estas somente poderiam estar compostas de monarquia, aristocracia e timocracia. O povo que mais se assemelharia a uma *polis* seriam os astecas, mas ele argumenta que era uma tirania, pois o rei seria como um deus, e o povo, oprimido<sup>12</sup>.

Em relação ao que se denominava “bárbaro”, é interessante o

---

<sup>8</sup> Citado por Anthony Pagden. RUBIOS, Juan López de Palacios, *Libellus de insulanis quas vulgus Indias apelat*. Zavala, 1954.

<sup>9</sup> PAGDEN, 1990: 34.

<sup>10</sup> PAGDEN, 1995: 18.

<sup>11</sup> Citado por Anthony Pagden, 1990.

<sup>12</sup> Idem: 49-50.

comentário de Beretario ao dizer que decide ganhar a confiança dos bárbaros dando-lhes alguns instrumentos de ferro e roupas, “porque estes bárbaros não usam ouro e nem dinheiro”. E esclarece: “São bárbaros não tanto pela condição da natureza humana que conserva sua pureza e pode sem metais acumulados se sustentar, como pelo estado em que a tem e pela cobiça dos homens e sem interesse pelo ouro”<sup>13</sup>.

É interessante frisar como o autor associa a falta de ganância à pureza (o que nos faz lembrar o idealismo de Tomas Morus em sua *Utopia*, quando imagina uma sociedade na qual as crianças brincavam com pedras preciosas e os escravos eram amarrados com correntes de ouro), mas ao mesmo tempo o autor não concebia uma sociedade na qual não pudesse se viver sem um sistema de trocas em que a moeda metálica seria seu fundamento.

Ainda sobre o conceito de civilidade, podemos citar um trecho em que fica claro o antagonismo entre floresta e civilidade: “Mas como o Brasil é abundante em bens naturais e não tem falta de mãos que o cultivem, é certo que derrubadas e cortadas as suas selvas para edifícios e obras necessárias a terra ficará alegre e aprazível à vista”. Acrescenta que os índios não conseguem fazer esse trabalho, em parte porque não param de guerrear entre si. “Mas podemos esperar que a Divina Misericórdia introduzida com a introdução da religião cristã no Brasil, há de vencer seus costumes bárbaros e dar um novo ser à mesma natureza”. Notamos nessa última parte a clara conexão que se fazia entre o catolicismo e a civilidade como a entendiam os europeus.

Outra questão que nos chama a atenção é a negação que a modernidade nascente fazia da natureza em estado bruto. Ela precisaria ser domesticada, dominada pela razão, a fim de servir ao ser humano<sup>14</sup>.

O autor aborda também a capacidade de Anchieta de se comunicar com os animais existentes no Brasil, sendo que a língua que ele usaria é a “brasíl” (a dos indígenas). Assim, fica clara a conexão que se fazia entre a natureza “selvagem” que se dizia que o índio tinha e a sua língua, que seria compreendida pelos animais, pois tratava-se de povos imersos na natureza. Vejamos os trechos em que o autor narra estes míticos acontecimentos.

Em 1582 Anchieta voltou para a enseada do Rio de Janeiro, foi também visitar algumas aldeias e paróquias. Dizem que falava com os animais na língua dos brasis. Anchieta estava andando numa canoa com um amigo e nisto Anchieta viu sobre uma árvore três ou quatro guarás, que são

---

<sup>13</sup> BERETARIO, 1622: 39.

<sup>14</sup> CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez, 2004: 94-95.

aves do tamanho de nossas galinhas de cor carmesim inclinado para o vermelho e muito bela de se ver. Falou Anchieta na língua brasil e disse: “Vão e chamaí a todas de vossa linhagem e voltem para nos fazer sombra”. Elas estenderam o pescoço, deram sinal de que obedeciam e partindo dali voltaram em grande grupo e todas agrupadas fizeram uma grande nuvem que deu sombra na canoa. Depois ele lhes disse que podiam ir embora e elas o fizeram dando mostra de alegria e se despedindo grasnando. Isso tudo o tinha afirmado o seu companheiro que estava na canoa, Pedro Leitão.

O autor comenta a seguir outro caso no qual Anchieta se comunica com aves, desta vez o fenômeno haveria ocorrido durante uma pescaria para o Colégio: “Pescaram grande quantidade, nisto vieram muitas aves que queriam comer o peixe. Então Anchieta lhes disse em língua brasil que elas fossem embora e que voltassem somente para pegar algum resto. Elas prontamente obedeceram”.

Enquanto limpavam os peixes houve um caso de comunicação com onças: “Um irmão disse que gostaria de vê-las mais de perto, respondendo este que quando ele acabasse seu trabalho ele as poderia ver. O padre José saiu em direção delas e em brados disse que voltassem porque alguns as queriam ver mais de perto”.<sup>15</sup>

Outro caso de comunicação com os animais e que demonstra outros aspectos interessantes da visão de mundo que se tinha na Europa é o horror que Anchieta sentia ao ver que os índios comiam carne de macaco, pois esse animal se parece ao ser humano.

É interessante como o autor atribui comportamento quase humano de sofrer a morte de um dos seus que o autor do texto dá ao macaco:

e não é maravilha que homens que não têm horror à carne humana tenham como grande presente as carnes de animais que se lhes assemelham à figura de um homem. Mandou José que não prosseguissem com tal matança de macacos e que se contentassem em gozar do ridículo espetáculo que faziam e aos macacos disse em língua brasil que fizessem exéquias de seus mortos para regozizar ainda mais os pecadores. Logo, com competência começaram os macacos a o obedecer.<sup>16</sup>

O autor comenta muitos outros milagres que Anchieta teria feito em relação aos fenômenos naturais, como o vento, chuvas e o mar.

---

<sup>15</sup> BERETARIO, 1622: 323-325.

<sup>16</sup> BERETARIO, 1622: 332.



## QUESTÕES POLÍTICAS

Já é sabido que as missões jesuíticas foram estimuladas tanto pela Coroa espanhola como pela portuguesa, com o fito de garantir o povoamento e a defesa de suas colônias. Por outro lado, são conhecidos os conflitos que ocorreram mais tarde, no século XVIII, entre jesuítas e bandeirantes, pois estes iam em busca de indígenas e riquezas.

Roseli Santanella menciona uma situação na qual Anchieta agiria sob os interesses da Coroa espanhola, quando descreve a expedição capitaneada por Diego Flores de Valdés em fins de 1581 em direção ao Rio de Janeiro para estabelecer as fortificações que eram necessárias para defender o Brasil de invasões de nações inimigas. A autora cita o biógrafo atual de Anchieta, Antonio Romeu de Armas, que fala sobre a presença de Anchieta na recepção ao capitão, alegando que o fato de Anchieta estar nessa recepção não seria casual, e que juntamente com ele estava o governador Correia de Sá. Acreditou o governador que Anchieta estaria obedecendo ordens reais, o que estaria provado por cartas trocadas entre Anchieta e Felipe II.

Esse acontecimento é citado no manuscrito aqui analisado, e nos surpreende a segurança de Anchieta ao receber a frota, enquanto a população estava apavorada pela possível presença de inimigos.

Aqui estava no ano de mil quinhentos e oitenta, quando Diego Flores, enviado de Portugal com armada de algumas naves para assegurar o Estreito de Magalhães e passar pela costa do Brasil, parou para descer âncoras a uma légua do porto e fez representação de armada inimiga e realmente se temia inimigos naquele dia na costa. Então a população ficou em pânico, pegou em armas e os religiosos da companhia recolheram suas joias, principalmente das coisas sagradas. José os retirou e disse que sem causa estavam se desassossegando porque a armada era amiga [...] disse que ali vinha um carpinteiro destro em seu ofício, que entraria na Companhia e nela havia muitos serviços da religião<sup>17</sup>.

## PAPEL DA RELIGIÃO

De acordo com Evaristo dos Santos, o trabalho jesuíta sistemático começa a ser realizado em 1549, no mesmo ano em que Tomé de Souza se torna governador-geral. A partir de então, até 1580, os jesuítas seriam os únicos que evangelizariam de forma sistemática. Em

---

<sup>17</sup> Idem: 286

1581 chegam os beneditinos na Bahia e no final do século XVI fundam conventos no litoral da Paraíba, Olinda, São Paulo, Rio de Janeiro.

Assim como Anchieta, muitos jesuítas espanhóis atuavam em terras portuguesas e suas colônias, como São Francisco Xavier, o padre Cosme de Torres e seu irmão Juan Fernandez.

Felipe II seguiria uma política de centralização e uniformidade não apenas no campo administrativo governamental, mas igualmente o faria no campo religioso. Um exemplo disso é quando tenta unificar as congregações religiosas espanholas e portuguesas. Em 1588 tentaria impor a obediência do Prior de Castela a todos os jerônimos portugueses, e em 1594 tentaria transformar em descalços e recoletos os agostinianos portugueses de acordo com os estatutos de Toledo.<sup>18</sup>

Vejamos como Beretario relata a missão jesuítica, a sua importância e o trabalho desta, e também podemos colher nas entrelinhas muitas informações do universo conceitual e ideológico europeu da época.

Pois quatro ou cinco vezes havia entrado com valor nos lugares mais recônditos do Brasil, e erguendo as bandeiras da Igreja para numerosos povos bárbaros... Entram nas entranhas do Brasil e caminham por bosques não conhecidos, levam consigo indígenas. Levam farinha de mandioca, caçam ou pescam. Ou matam feras que os ameaçam. E passam as quaresmas e outros jejuns com peixes e recolhem mel das colmeias. Quando chegam nas aldeias facilmente ganham a sua amizade. Começam então a falar em Deus, do eterno prêmio dos bons e do castigo dos maus. E pouco a pouco conseguem despertar naqueles ânimos bárbaros o amor e afeição aos bens eternos e o respeito pelo seu criador. Para que se dediquem melhor à religião os incitam ao sedentarismo. Os companheiros dos padres, que também são índios, também contam os mistérios da fé cristã. Assim converteu muitos aos Cristianismo, além de levá-los para lugares povoados e marítimos.<sup>19</sup>

Dois fatores neste relato nos interessam. O primeiro se refere ao fato de que o autor destaca que o sedentarismo seria útil ao cultivo da religião, pois, estando os índios em um lugar fixo, seria mais fácil catequizá-los. Assim, ficava clara a conexão entre sedentarismo e civilidade, que daria oportunidade de se instalar o Cristianismo.

Outro aspecto é que os índios eram levados a locais povoados ou marítimos, demonstrando a estratégia da Coroa, já conhecida, de povoar locais importantes para garantir a posse das colônias frente a outras potências.

---

<sup>18</sup> SANTOS: 116.

<sup>19</sup> BERETARIO, 1622: 312.

Na citação seguinte o autor informa acerca do desejo da Companhia de Jesus em catequizar os índios:

Vivem terra a dentro, esparsos em espaçosos términos várias nações, algumas já iluminadas pela luz da Fé, outras ainda sem havermos mantido um trato ou conhecidas apenas pela forma e a quem ainda não havia chegado a luz do Evangelho. Desejavam há muito tempo os pais da Companhia de Jesus lavrar este campo, que pertence à colheita e jurisdição do Brasil, ainda que muito distante de nossos colégios e interrompido com gente e terras diferentes.<sup>20</sup>

Há outro trecho que coloca novamente o labor da Companhia:

E para desfazer a superstição gentilícia, a iluminar as nações bárbaras com a Luz do Evangelho em tão breve tempo recorrer toda a circunferência da terra? Esta é verdadeiramente uma obra do Espírito Santo. Joseph de Anchieta seria mais um agraciado para executar a vontade divina em terras longínquas [...] não o tempo, espero, não o lugar desacomodado, nem o trabalho excessivo nem a saúde quebrada [...] como alentava aos homens a piedade cristã, como os sossegava quando alterados, como os aconselhava e ajudava-os [...]<sup>21</sup>

Um último ponto que gostaríamos de destacar é o empenho de Anchieta em catalogar a língua tupi, a fim orientar outros jesuítas para a catequização dos índios, além de outros fatores que comentaremos depois desta citação:

Não somente falava fluentemente e com grande propriedade, senão que se atreveu a reduzir aquela língua bárbara a preceitos de uma arte [...] a qual, após examinada pelo mesmo autor e por outros versados na língua do Brasil, se deu a estampa de Portugal e o impresso tem feito que em breve tempo fossem senhores daquela língua os que com zelo de sua alma tratam e cultivam os Brasis. Porque em nosso colégio da Bahia se lê esta arte em ordinárias lições aos nossos que chegam a Portugal.

Nosso autor relata que Ancheita auxiliava a todos os membros da Companhia de Jesus que viviam no Brasil para realizarem seus trabalhos. E também foi literato e poeta, para

fazer esquecer aos cristãos antigos e novos os romances lascivos e fazê-los entendidos no gozo de suavidade da virtude, campos honestos e

---

<sup>20</sup> BERETARIO, 1622: 309.

<sup>21</sup> Idem: 7-8.

pieudosos versos [...] porque converteu os desonestos cantares em cânticos piedosos, introduzindo o que é notável, incitando os Cristãos brasis e portugueses a fazerem louvores e reverencias a Deus.<sup>22</sup>

É interessante aqui lembrarmos não somente os cânticos e obras de teatro que Anchieta compunha, mas também o fato de que essas obras se destinavam a melhorar os cristãos vindos da Europa, os quais teriam se esquecido de sua civilidade por viverem nestas terras.

O trecho a seguir fala sobre o desejo de Nóbrega em melhorar tanto os cristãos velhos como “modernos” – seriam os judeus conversos: “Desejava o Padre Nóbrega emendar os cristãos velhos de alguns vícios introduzidos e assentar neles o que podia menoscar naqueles bárbaros o respeito às coisas sagradas e divinas”.<sup>23</sup>

## VISÕES DO BRASIL

Aqui exporemos brevemente o que o autor comenta sobre a amenidade destas terras, para as quais Anchieta havia sido mandado, de acordo com Beretario, para melhorar sua saúde. Corresponde este relato à visão paradisíaca das terras americanas:

Porque naquele tempo corria a voz sobre o temperado da terra e o céu do Brasil, e a qualidade dos mantimentos eram propícios ao Corpo humano [...] e é assim que a temperança daquele céu é muito benigna, nem o verão é excessivamente quente e nem o inverno muito frio altera os corpos humanos e a terra é muito amena à vida, produz facilmente mantimentos e alimentando a natureza não cansam sua digestão.<sup>24</sup>

Em outro trecho o autor deixa clara a visão de utilidade do Brasil como colônia a fim de prover a metrópole de riquezas:

É esta terra muito fértil de linda vista, causa da amenidade e verdor dos campos cheios de árvores, que em todo o ano não se vem desnudas de suas folhas [...] Cria também o Brasil muitas mercadorias que trazidas para nossas terras enriquecem a Europa. Enfim, se olharmos para as riquezas que a natureza deu ao Brasil, dificilmente em todas as províncias do novo mundo e ainda do velho acharemos terra mais afortunada.<sup>25</sup>

---

<sup>22</sup> BERETARIO, 1622: 347-349.

<sup>23</sup> Idem: 349.

<sup>24</sup> Idem: 23.

<sup>25</sup> Idem: 27.

## UMA FALSA CONCLUSÃO

Terminamos aqui nosso trabalho, mas não é bem um final, pois o que quisemos fazer é uma exposição do manuscrito de Beretario a fim de extrair dele interessantes dados acerca da visão dos europeus sobre estas terras, os índios e a religião, entre outros aspectos explanados. O manuscrito é muito rico e vasto, mas escolhemos aqui apenas alguns trechos que nos mostraram em suas entrelinhas todo o universo cosmogônico europeu, seus conceitos religiosos, de civilidade, de humanidade e até a utilidade que as colônias tinham para a Europa. Anchieta, se bem que muito citado, não foi nosso personagem principal; o principal ator foi o texto de Beretario, pois nos trouxe uma série de informações que nos explicitam o mundo cultural, político e econômico europeu do século XVI.

## REFERÊNCIAS

### DOCUMENTO

BERETARIO, Sebastián. *Vida del Padre Joseph de Anchieta de la Compañia de Jesus y Provincial del Brasil*. Traducido del Latin por el Padre Estevan de Patermina. Barcelona: Estaben Libreros, 1622. 394p.

### BIBLIOGRAFIA

PAGDEN, Anthony. *El imperialismo español y la imaginación política europea e hispanoamericana*. Barcelona: Planeta, 1990. 348 p.

PAGDEN, Anthony. *Señores de todo el mundo: ideologías del Imperio en España, Gran Bretaña y Francia. 1500-1800*. Barcelona. Planeta, 1995. 320p.

STELLA, Roseli Santanella. *Brasil durante el gobierno español (1580-1640)*. Madrid: Tavera, 2000. 295p.

SANTOS, José Evaristo. *El Brasil Filipino: 60 anos de presencia española en Brasil (1580 1640)*. Bilbao: Mapfre. 262 p.

